

## Memórias do boi

Raquel Wandelli<sup>1</sup>

O boi, o cabresto, a manada. Obediência no pasto. Vida besta, vida de gado.

O chicote que muda o destino. A mão que queima a ferro os cornos, mal eles despontam no boi ainda menino. A mão que marreta, mutila o bicho-moço, secreta o sêmen fecundo. A mesma mão que dá farelo e feno tortura e capa. Conduz e amansa a boiada.

Gado, cabresto, guampudo, boi ladrão, corno manso, rês. Reificar, coisificar. Coisa para ser comida, rês-do chão...

Há muito tempo o gado vem sendo injustamente usado como alegoria de povo ludibriado. “Povo marcado e povo feliz”, diz a canção.

Essa mania cada vez mais em voga de fazer escárnio alheio atribuindo ao boi comportamentos de massa e de submissão já foi longe demais.

Pra começar, não encontra argumento objetivo. O homem que arrota grandeza é o animal mais vulnerável, mais desprotegido quando vem ao mundo, como escreveu Montaigne. Aquele nascido desprovido de cascos, patas, penas, pelos, nadadeiras, asas, chifres, espinhos, garras, dentes, presas, enfim, entregue sem defesa à sua incompletude e miséria inicial.

O bezerro, ao contrário, cai da placenta e em segundos já está de pé, alerta sobre as quatro patas. Cabeça ereta, esperto como ninguém!

Por que esta destreza provoca a ira do único ser que conhece a vergonha e a nudez, “o único animal abandonado nu sobre a terra nua”? Na palavra se perpetua a barbárie humana, só porque a liberdade e a coragem do bicho lhe batem na cara.

Que dicionário é capaz de trazer do boi o sentido que escapa à definição humana? Que não seja a imagem da sua própria destruição? Como recusar a perversidade humana na linguagem?

---

<sup>1</sup> Jornalista, escritora e ensaísta, é doutora em Literatura Brasileira, professora da Unisul, pesquisadora do Grupo de Pesquisa Artes Poéticas e Mestiçagens da PGET/UFSC, autora das obras *Leituras do hipertexto: viagem ao Dicionário Kazar* e *Existe, logo escreve: devires do inumano na arte-literatura*. E-mail: raquelwandelli2@gmail.com

Seria preciso criar um dicionário das bestas que foram, que seriam, que teriam sido. Ora, o boi não nasceu boi. Não nasceu ao lado da Bíblia, nem da bala. Nasceu livre e indômito.

Sua natureza íntima, bravia e altiva nunca foi tocada pelo vernáculo.

O boi é um touro capado. Podado como uma árvore. No alto, nas estruturas aéreas e nos repositórios baixos.

A maioria dos homens modernos só o vê nas gôndolas e freezers de supermercado. Mas quantos o viram dançando livre sob as estrelas antes da rês se chamar picanha, maminha ou alcatra?

Ninguém quer saber como é degolado ou castrado o boi antes de chegar a butique. Marrete, faca, bisturi, canivete, alicate, injeção química. As bolas presas entre as pernas amarradas, disponíveis para serem extirpadas ou esmagadas. Quase sempre sem anestesia. Dias, semanas, meses de dor... Febre, inflamação, bicheiro.

Por fim morre o touro, nasce a besta domada! Garantia de carne macia.

De imediato, os humanos cirurgiões jogam os miúdos à brasa e devoram a iguaria, arrotando a força do animal exilado do mais belo de si, para sempre apartado de sua potência.

Como dizer aquele que foi sequestrado de sua alma selvagem? Aquele que ainda não nasceu palavra?

Seria então preciso chamá-lo de ex-touro.

E ser capaz de dizer o que restou dos galhos decepados, do desejo arrancado, até se tornar essa vida sem som e sem fúria. Vida sem pulsão, vazia de vaca.

O que restou do touro além da marca do dono humano, humanozinho, demasiado humano?

Tiraram o boi pra palhaço, pra guindaste de obra, pra judas, pra danação... Mas nunca perguntaram ao boi se a vida de gado é feliz, construindo as cidades, a tal civilização.

Nunca o convidaram para o churrasco, nunca o consultaram se queria ir à Farra, como lembrou um dia a filósofa da ética animal, Sônia Felipe...

Cavalgadas, cavalhadas, touradas, feiras, vaquejadas, rodeios: a massa humana se diverte nessas farsas, exerce a fúria dominadora contra o deus que vulnerabilizou. Animal do campo, prisioneiro de guerra.

Quem o homem leva a esses campos de concentração? O animal que ele segue sendo, o outro dele mesmo?

Não é a lírica de Orfeu, nem a voz dos anjos que acorda o povo bovino na alvorada; quando toca o derradeiro berrante, parte para o abate a vida-que-pasta-a-morte-enganada...

Mas eis que o impulso ancestral nunca morre de todo. De súbito, um frêmito, um estrondo, um sinal de perigo podem trazer de volta o totem adormecido:

a boiada de repente dispara e quando o ex-touro reencontra a lembrança úmida das matas, capitão nenhum mais controla a manada!

Quem se arrisca no território do boi enfrenta um índio bravo subindo acima das ancas. Como um grande cacique, cruza os braços, ajeita o cocar e declara guerra. Defende com fúria a sua gente! Bem erguido sobre as quatro pernas, endurece o queixo, franze o cenho. Bufa, espuma, uma, duas vezes o guerreiro. Levanta poeira, aquece a partida nas patas anteriores, ensaia o coice com as traseiras... E de pronto avança sobre o forasteiro.

Lá no coto do bezerro desmamado, no esconderijo do olho, no resto de guampa, no desejo banido, revive o animal que um dia seria.

O que o homem sabe do boi só o sabe desde si mesmo. E o sentido para nos limites da maldade antropocêntrica...

Nenhuma palavra jamais tocou o deserto do boi... Nunca a língua do homem decifrá o silêncio silvante dos olhos, esse brejo de melancolia onde mergulha o ser violentamente humanizado.

Os olhos do boi guardam o segredo de quem não conhece um eu, mas dentro de si enxerga o mundo, como escreveu Clarice Lispector – a literatura desmentindo a filosofia antropocêntrica que define o animal como um ser pobre de mundo.

Poucos olharam nos olhos de um boi, além dos poetas e dos filósofos...

Além da menina que perguntou à mãe: – Se o boi não pensa, para que ele tem olho?

Alguns foram reconhecidos pelo seu boi na noite do açougue, na hora do abate. E saíram desgarrados pelo mundo, como o ex-boiadeiro da célebre trova sertaneja “Herói sem medalha”.

Outros, como o boiadeiro do conto de Cora Coralina, sentiram na carne servida o gosto de gente, ao descobrir a vingança do irmão contra o seu boi mais querido – herança do pai enterrado na véspera.

Quantos sentiram a dor-criança, ao ver seu bozinho de estimação na mesa de domingo, a dor-caipira que o homem urbano não tem?

Seria preciso ver o mundo como um boi o vê...

Se um poeta visse o homem pelos olhos de um boi, como Drummond viu, os homens seriam de poucas montanhas e calados de gritos agônicos. E carregariam nos olhos tristeza e crueldade, “difícil verdade de ruminar”.

Em vez de falar sobre o boi, pensar como o boi. O animal como método e sintaxe de vida. Em Nietzsche, o estômago da vaca como mecanismo da ruminação, ideal para o pleno pensar: engole, regurgita e torna a mastigar para só então deglutir.

No palco da palavra, ausenta-se sempre o ser-outro, o estrangeiro. Mas o significado não encontra o signo, a imagem não encontra o galope: o animal foge ao sentido, palavra animada (animot), como escreveu Francis Ponge.

Quando ele volta, na tourada, quando apela contra nós, ele quer dizer: “Eu sempre vou ser mais outra coisa”.

E então o boi ganha asas, boi alado, boi mítico, incandescente das narrativas mitopoéticas que tratam os povos da culpa pela antropofagia e pela incomunicabilidade com os animais. A cratera humana.

Quem cura não é o boi calado que recebeu Jesus no presépio, mas o boi falante da fábula, o boitatá, o boi-bumbá, o boi de mamão, boi dos indígenas, das florestas e do Oriente, povos que vivem o seu imaginário e por isso nunca serão gado.

Bois criados para a morte congelam na letra morta das metáforas. Deles, a poesia só pode dar o testemunho de um silêncio. Acabam-se na palavra gasta, sem *animus*. Restam-lhes uma sobrevida adestrada de boi que só pode ser boi, sem o devir anônimo das bestas incapturáveis, como no poema de Astrid Cabral:

*Mas como nomear ou batizar  
os bois que não são bois?  
As inéditas e fantásticas  
bestas que infectam-infestam  
nossos prados sem cerca  
com seus anônimos tropéis  
urros e berros insólitos  
suas bostas como bólidos  
de planetas ultra-remotos?  
Bois que por não serem bois  
afivelam asas de dragões  
e não consentem que palavra  
alguma lhes capture as patas.*

O boi é da arte, da infância, da filosofia um amigo. Com elas, divide a doçura, a sensação mesma de existir que faz dos homens seres potentes e felizes, conforme Aristóteles: “A existência é desejável porque se sente que esta é uma coisa boa e essa sensação (aisthesis) é em si doce”.

A doçura do amigo boi contagia a escritura que não quer ser rei, nem boiadeiro, nem cavalheiro. Ela quer compartilhar com ele a doçura da vida. Com as posturas de corpo secretas, que não separam as atitudes dos pensamentos, o animal-palavra produz um tipo de subjetividade opaca. Ele opõe uma barreira de cetim ao sentido, uma “objetivação da doçura” que compõe a ideiação das pessoas no mundo. Um mundo onde as sintaxes de vida todas resistem e escrevem – elas vivem.

Daí Agamben deriva o conceito de amizade para o compartilhamento desse gosto pela vida. Mas a amizade não é o que define a comunidade humana “em relação àquela animal”, como propõe o pensamento ainda encharcado de antropocentrismo. Justamente a amizade é o que transborda da existência inumana para o mundo, aquilo que Clarice chama a graça de viver – viver de graça –, a felicidade do vivo.

Um ramo de alecrim dourado tremulando ao vento, a lembrança do azul sobre os caminhos orvalhados... A leveza do pássaro que lhe pousa no lombo. O boi às vezes sonha e se esquece de pastar...

Desde *Coração Selvagem*, o primeiro romance, Clarice Lispector descobriu esse “poder-de-vida” inumana que transborda na escritura:

“A paz que vinha dos olhos do boi, a paz que vinha do corpo deitado do mar, do ventre profundo do mar. [...] Tudo é um, tudo é um...”.

Desde Joana-menina soube que “a confusão estava no entrelaçamento do mar, do gato, do boi com ela mesma”.

Só a poesia inventa um lugar para um boi gay, Ferdinando, um touro romântico.

Há sempre um boi menor, à margem dos rodeios, que precisa de um lugar ao sol no domingo da literatura. O boi malhado, o boi de piranha, boi doente que vai à frente para poupar da morte os sadios que vêm atrás.

A poesia então grita, como em Rimbaud: sou um poeta, um negro, um índio, um eunuco, uma mulher apedrejada, um boi!

Mas ainda não se foi longe demais. Não basta o animal apontar o que o poeta tem de melhor. Seria preciso inverter a posição entre o ponto de vista humano, que invariavelmente estabelece significados para o animal, que é por hábito o depositário de um sentido.

Só resta então repetir o gesto de Clarice em seu “Seco Estudo de Cavalos”, e pedir que o animal me signifique.

Agora eu vejo o boi.

E me reconheço, terrivelmente humana...

Mas num piscar de olhos, misteriosamente animal:

o boi que sinalize o que sou.